

LITERATURA, FILOSOFIA E HISTÓRIA NA “GUERRA JUGURTINA” DE SALÚSTIO

Ana Paula Martins Costa¹
Michele Eduarda Brasil de Sá²

RESUMO: O ato da escrita em Salústio revela a necessidade de exercitar o espírito e “transmitir à posteridade os feitos dignos de memória” (SALÚSTIO, 1993, p. 66). Por isso, nele unem-se o historiador e o artista, além do filósofo: a influência grega em Roma naquela época fazia-se sentir tão intensamente que era comum nobres romanos serem educados por preceptores gregos. Nisto, literatura, filosofia e história convergem, porque não se compreendiam ainda separadas, na obra deste homem público tão importante em sua época para a política e a literatura romana. Busca-se estudar a arte, o espírito e a memória sintetizados na obra escolhida, pois tais áreas atravessam um discurso comum. Justifica-se a escolha da “Guerra Jugurtina” pelo fato de nela poder-se verificar elementos caracterizadores da literatura, filosofia e história. A metodologia utilizada foi a bibliográfica. Os trabalhos de Zélia de Almeida Cardoso, Luís Costa Lima, Laura Silveira e Jacyara Ribeiro Salengue serviram de base teórico-metodológica. Na cultura latina, a literatura nem sempre pode ser claramente discernida da filosofia nem da história. Eis porque se faz imprescindível uma abordagem interdisciplinar, especialmente no estudo da obra de um autor como Salústio, ele mesmo filósofo, político, homem de letras, historiógrafo latino.

PALAVRAS-CHAVE: Salústio; Guerra Jugurtina; Literatura; História; Filosofia.

ABSTRACT: The act of writing in Sallust reveals the need to exercise our spirit and "transmit to posterity the deeds worthy of memory" (Sallust, 1993, p. 66). Therefore, he unites the historian and artist, and also the philosopher: Greek influence in Rome at that time was felt so strongly that it was common that Roman nobles were educated by Greek tutors. Herein, literature, philosophy and history converge, because they are not yet understood separately, in the work of this public figure as important in his time to politics as he is to Roman literature. The aim is to study the art, the spirit and memory synthesized in the chosen work, as these areas are going through a common discourse. The choice of the "Jugurthine War" is justified by the fact that characteristic elements of literature, philosophy and history can be verified in it. Bibliographic methodology is used in this research. Works by Zelia Cardoso de Almeida, Luís Costa Lima, Laura Silveira e Jaciara Ribeiro Salengue served as theoretical and methodological basis. In Latin culture, literature cannot always be clearly discerned from philosophy or history. This is why an interdisciplinary approach is indispensable, especially in the study of the work of an author as Sallust, he himself a philosopher, a statesman, a man of literature, a Latin historian.

KEYWORDS: Sallust; Jugurthine War; Literature; History; Philosophy.

1 Introdução

“De todos os exercícios do espírito, o mais útil é o de transmitir à posteridade os feitos dignos de memória” (SALÚSTIO, 1993, p. 66). Esta frase de Salústio sintetiza o que ele compreendia ser o ato de escrita: escrever com arte, escrever para registrar a memória, escrever para exercitar o espírito. Tratando-se de Salústio e sua obra, neles “confundem-se o historiador

¹ Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: paulinhaufamletras@hotmail.com.

² Doutora em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Adjunta do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: michelebrasil@unb.br.

e o artista” (SALENGUE, 1986, p. 87), mas não apenas estes dois: a influência grega em Roma naquela época fazia-se sentir tão intensamente que era muito comum o fato de nobres romanos serem educados com preceptores gregos, de quem aproveitaram também a filosofia. Nisto, literatura, filosofia e história convergem, porque não se compreendiam ainda separadas.

Pretende-se com este trabalho pesquisar os elementos que caracterizam a obra “Guerra Jugurtina” de Salústio como um modelo da historiografia romana, legatária da historiografia grega, na qual arte, filosofia e história atravessam um discurso comum. Esta obra serve perfeitamente para o tipo de estudo que se quer dirigir: escrita sobre uma guerra num período de guerras, internas e externas, num ponto de amadurecimento do último Império da Antiguidade, ainda que fosse uma República na época de Salústio. O fazer literário é, neste momento, arte, serviço à pátria, perenidade, elevação do espírito.

A escolha do autor deu-se pelo fato de ser um dos mais importantes da literatura latina do período republicano, fase tão cheia de entraves e na qual as múltiplas dinâmicas concorrentes desenharam o que viria a ser em breve o Império Romano, do qual a nossa sociedade herdou bastante. A obra escolhida, a “Guerra de Jugurta”, é diferente de outra obra escrita por Salústio anteriormente, a “Guerra Catilinária”, vista como extremamente tendenciosa; na que nos propomos estudar, Salústio revela uma evolução em sua escrita, manifestando sua maturidade no narrar, refletindo sobre a natureza humana, seus vícios e virtudes. Não se pretende, contudo, buscar compreender o todo pela parte: o relato de Salústio na obra em questão é visto como um testemunho único e particular, caracterizando-se apenas uma perspectiva dentre tantas que nos permitem perceber um pouco do mundo romano, mas nem por isso deve ser menosprezado, uma vez que o autor pode ser considerado emblemático de seu tempo (sendo um homem instruído, estudioso de literatura, história e filosofia). A narrativa salustiana segue o mesmo modelo de Cícero, César e outros autores importantes de seu tempo, na medida em que revelam esta imbricação das três áreas do conhecimento citadas.

Um trabalho deste escopo atualiza a visão generalizada – e errônea – de que não há mais espaço para os estudos clássicos nas universidades brasileiras. Este projeto pertence à natureza dialógica que se estabelece ao longo dos últimos anos na academia brasileira, através da chamada Interdisciplinaridade – um “retorno às origens”, guardadas as devidas proporções, se pensarmos que o diálogo entre filosofia, literatura e história, apenas para citar o que nos interessa, não é algo moderno, mas seminal: no início, não havia uma distinção clara entre uma e outra, e os escritos de Salústio são apenas uma das provas que o atestam.

2 Fundamentação teórica

Para fundamentar o arcabouço teórico desta pesquisa foram selecionados autores cujos trabalhos possam solidificar o estudo proposto. Cada um vem somar ao ranque das letras clássicas.

Falar de Salústio é rever conceitos, pois, como afirmar que uma obra historiográfica pode assumir um valor literário no que tange ao estético? Basta voltar o olhar para a construção de sua narrativa. Não é mero relato: suas inferências ultrapassam o simples ato de registrar a história, envolvendo o leitor em uma trama que tem algo de realidade e algo de ficção.

Quando se menciona que “falar em Salústio é rever conceitos”, esta declaração visa esclarecer que a definição de história, em seu tempo, é diferente da atual: ao inferir valor estético em uma obra historiográfica, pode-se chegar ao seguinte pensamento, segundo Albuquerque Junior (2007, p. 63):

[...] A interpretação em História é a imaginação de uma intriga, de um enredo para os fragmentos de passado que se têm na mão. Esta intriga para ser narrada requer o uso de recursos literários como as metáforas, as alegorias, os diálogos, etc. Embora a narrativa histórica não possa ter jamais a liberdade de criação de uma narrativa ficcional, ela nunca poderá se distanciar dos fatos de que é narrativa e, portanto, guarda uma relação de proximidade com o fazer artístico, quando recorta seus objetos e constrói, em torno deles, uma intriga.

Neste caso, Salústio supera as expectativas da segunda parte desta citação, indo além na matéria narrada, deixando clara sua missão como defensor de uma ética moral que deveria ser a marca registrada dos homens que comandavam Roma. Essa marca latente de valorização da moral e dos bons costumes faz Salústio aparecer ao lado de outros autores de teor didático, moral, filosófico e literário.

Tucídides, um dos influenciadores de Salústio, afirmava o “[...] caráter limitado da imaginação histórica, que só podia se ater ao que realmente tinha ocorrido [...]” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 62), porém o mundo mítico existente na época não deixava clara esta distinção. Isto é perceptível ao ler a “Conjuração de Catilina”, o *Bellum Jugurtinum*, e também a obra de outros autores contemporâneos de Salústio. Albuquerque Júnior (2007, p. 63), citando Hayden White, diz que a narrativa “[...] implica a elaboração de um enredo com a definição de personagens, de agentes e agências da ação histórica; implica a elaboração de um argumento, além da presença inevitável de implicações políticas e de pressupostos filosóficos.” A elaboração deste pensamento traduz, de certa forma, além de

material de pesquisa e discussão, um maior entendimento sobre a filosofia da época, anseios morais e o desejo de retorno da glória romana.

As implicações políticas e filosóficas estão impressas no artigo de Jacyara Salengue, em que a autora faz uma análise enriquecedora sobre a Guerra Jugurtina. Nele, além de ressaltar o valor histórico, mostra também a capacidade literária. “Em Salústio, confundem-se o historiador e o artista. Na leitura de sua obra, surpreende-se não só o significado histórico, mas também a importância literária”. (SALENGUE, 1986, p. 86) E, através deste gênero, o autor passa “[...] aos jovens que a grandeza de Roma não pode sofrer alteração.” E esta “grandeza de Roma” estava intimamente ligada à ordem moral e política vigente na época.

Zélia de Almeida Cardoso, em seu livro *A literatura latina*, fornece mais que simples informações sobre a arte romana. Ao estudar os gêneros existentes, situa o leitor nos diversos acontecimentos históricos de maior relevância para compreender as manifestações culturais deste povo, como afirma (2003, p. 133):

[...] Tudo aquilo que as civilizações humanas criaram é resultado da combinação de fatores de diversas ordens (políticos, sociais, econômicos, éticos, religiosos, ideológicos, educacionais, etc.), que compõem, em conjunto, o amplo contexto que explica e justifica o produto. O estudo de uma literatura, portanto, deve ser precedido de coleta de informações sobre a época em que ela floresceu.

A escrita de Salústio é fruto do desencadear histórico, e sua obra *Bellum Iugurthinum* é resultado de certa maturidade. Sobre essa afirmação, Cardoso acrescenta ainda (2003, p. 135-136):

Salústio, em seus livros, foi até certo ponto um inovador por tentar explicar psicologicamente os fatos, procurando as causas dos acontecimentos nos defeitos e vícios humanos, por preocupar-se com problemas sociais e por empenhar-se em ser uma espécie de filósofo da ação histórica [...], não pretendeu escrever uma história de grandes dimensões, delimitada por datas distanciadas no tempo; escreveu a história de um momento preciso, detendo-se minuciosamente em pormenores de um único acontecimento.

São estes pormenores que fazem da obra salustiana uma monografia historiográfica, inserida dentro da prosa latina, e por isso sua escrita ganha dimensões literária, filosófica e histórica.

3 A obra

3.1 *Bellum Iugurthinum*

Antes de cumprir os objetivos previstos para este trabalho faz-se necessário um resumo da obra *Bellum Iugurthinum*. O resumo será apresentado em três partes obedecendo a estrutura proposta por Jacyara Salengue (1986): 1º) Dupla política de Jugurta; 2º) Envio do cônsul Metelo contra Jugurta. A glória dessa vitória cabe a Mário; 3º) A morte de Jugurta e o triunfo de Mário.

O primeiro capítulo é uma introdução e o discurso de Salústio aborda a moral: “Guia e soberana do homem é a mente. Quando ela se dirige à glória pelo caminho da virtude, vigorosa, potente assaz e ilustre por si mesma, não carece da fortuna; porque esta, a probidade, a indústria, e as mais qualidades boas nem pode dar nem tirar” (SALÚSTIO, 1993, p. 65). A introdução revela partes da vida do autor: ao inserir-se, menciona sua magistratura e conhecidos de renome guiados pela virtude, isto tudo para demonstrar que a ânsia de atingir os comandos de honra por parte de alguns chegou ao ponto de uso dos meios ilícitos para tais objetivos.

Na primeira parte, o autor anuncia seu objetivo: “Escreverei a guerra que o povo Romano teve com Jugurta, rei dos Númidas; já porque foi grande atroz e de vária fortuna; já porque então se principiou a obstar à soberba dos nobres” (SALÚSTIO, 1993, p. 67), logo seguido de uma explicação histórica sobre a segunda guerra Púnica, trazendo à tona informações relevantes para o entendimento do leitor, revelando a origem de Jugurta. Ele era neto de Masinissa, filho de Manastabal (que tinha falecido) e sobrinho de Micipsa, tendo sido criado por este último. Vale ressaltar que seu avô era tido em alta estima por Públio Cipião, influente general romano. Jugurta, ao chegar à idade adulta, desperta receios ao tio devido a sua intrepidez. Ao tentar livrar-se do sobrinho, Micipsa percebe que os númidas possuem apreço pelo rapaz. Pensa, então, em como haveria de realizar suas intenções: sendo assim, envia Jugurta para a frente de batalha, porém a tentativa de desonra torna-se em honra e na recomendação de Cipião, respeitado general do exército romano.

Assim sendo, Micipsa inclui Jugurta no testamento juntamente com seus filhos e após sua morte os três tomam parte nas decisões; no entanto, fica clara a posição de Hiempsal, seu primo, que o despreza. Este é assassinado a mando de Jugurta. Aderbal comunica a Roma o ocorrido, porém, a articulação feita pelo primo anteriormente anula o apelo de Aderbal ao Senado, onde declararam que Hiempsal foi morto em razão de sua crueldade.

Na segunda parte, Roma envia dez deputados para dividirem o reino entre os dois consanguíneos; o líder desta deputação foi Lúcio Olímpio, e o resultado desta repartição foi o

seguinte: “[...] parte da Numídia que pega com a Maurítânia, mais fértil e povoada, foi entregue a Jugurta. Ficou Aderbal com a outra, que, mais populosa e ornada de edifícios, era melhor na aparência, que na realidade.” (SALÚSTIO, 1993, p.76). Aderbal também é assassinado e Jugurta reina soberano sobre o país.

A terceira parte dá continuidade à guerra civil da Numídia, ao estabelecer o cônsul Albino como responsável por aquela área, onde não há previsão de terminar a guerra. Então, finalmente após o tratado de Aulo, o cônsul Metelo assume a região e se iniciam verdadeiramente as investidas contra Jugurta. Mário, que era subordinado a Metelo e estava na Numídia, retorna a Roma para candidatar-se ao cargo de cônsul, tendo êxito em sua empreitada.

Mário retorna à África como cônsul, assume o lugar de Metelo e lidera a investida contra Jugurta. Outra figura a se destacar nesta empreitada é Sila, oficial de Mário: ele, sim, conseguirá, após cuidadosos ardis, capturar Jugurta através de seu próprio sogro, o rei Boco. Assim, retorna preso, findando com isso a guerra civil.

4 Os elementos literários

Neste momento, não serão abordados conceitos ou definições específicos sobre o que é literatura, mas sim como os elementos literários corroboram na construção da obra. Alguns itens serão comuns à história, o que será visto mais adiante. Em princípio cada elemento será referendado por excertos do texto, possibilitando a compreensão dos constitutivos salustianos³.

4.1 A escrita narrativa

O ato de narrar pode ser definido como o relato de um fato ou acontecimento, ou, como Umberto Eco (1994) afirma, um passeio pelo bosque no qual é possível perder-se, passar desatento, apressado ou apreciar tamanha beleza e se envolver na trama. O autor latino soube preparar este passeio e chama o leitor para si da seguinte forma (SALÚSTIO, 1993, p. 67):

Escreverei a guerra que o povo Romano teve com Jugurta, rei dos Númidas; já porque foi grande atroz e de vária fortuna; já porque então se principiou a obstar à soberba dos nobres. Luta que inteiramente confundiu o divino e o profano, e a tal insânia chegou, que só a guerra e devastação da Itália pôs termo aos rancores civis. Mas antes de entrar na matéria, exporei alguns fatos anteriores que, sabidos, porão os outros em maior luz e clareza.

Este recorte prepara o ambiente para outro item muito utilizado nesta obra: a digressão.

³ Entende-se como constitutivos salustianos os elementos encontrados dentro da obra de Salústio, e o motivo de ser desta pesquisa.

4.2 O tempo

O tempo tem valor fundamental tanto para a história como para a ficção, independentemente de sua categoria, modo de construção ou importância funcional, pois ele é um dos marcadores de verossimilhança a fixar o tom realista da obra. No caso da análise em questão ele não é apenas o tom, é o acontecimento. A memória através do discurso imortaliza o ocorrido. É o tempo intra e extratexto. Sobre isso, Silveira (2007) menciona a linguagem como uma possibilidade de apreensão do real, fixação deste real a gerações posteriores. Basta lembrar o que é dito na página 66 da Guerra Jugurtina, escrever hoje o ontem e transmitir à posteridade “os feitos dignos de memória”.

Luiz Costa Lima (2006), em seu livro *História, ficção, literatura*, no tópico intitulado “A historiografia frente aos princípios de realidade, causa e ficção” menciona que a escrita no século XIX cumpriu sua função, segundo Ranke, em mostrar o passado como foi privilegiando-o e faz uma citação de Michel de Certeau, onde apresenta um conceito dicotômico de historiografia, na qual história e escrita seriam oximoros da relação entre dois termos antinômicos: o real e o discurso. Vale aqui a citação:

Por que real e discurso parecem agora quase oximoro? Porque, por influência das ciências da natureza, considerava-se que a memória conservava íntegra a lembrança como se fosse um dado material, funcionando a linguagem como um meio de conservação, incapaz de modificar o teor da lembrança. (LIMA, 2006, p. 152)

A fixação do real através da linguagem faz brotar esse encadeamento interdisciplinar, pois falar de tempo é falar de filosofia. Somado a isto, registrar os tempos e os pensamentos transformados em ações é falar em história. No entanto, ao registrar o tempo a proporção da lembrança pode ser alterada conforme a perspectiva do narrador, e neste caso, do autor – e é no papel do autor que o literário se manifesta.

4.3 A interrupção narrativa

Apesar de a Guerra Jugurtina ter ocorrido em um tempo linear, a digressão é utilizada frequentemente para elucidar questões pertinentes ao conflito, tais como a origem de Jugurta e do povo da Numídia, a tomada de Tala, entre outras. A suspensão da narrativa ocorre a fim de somar às informações dadas um panorama ainda não mencionado. Esta estratégia faz capturar o olhar do outro (o leitor). Isto ocorre porque o estilo de Salústio

[...] assemelha-se ao de Tucídides, ainda, pelas digressões que permeiam suas narrativas, permitindo-lhes afastarem-se do tempo presente do relato para tratarem de assuntos não diretamente pertinentes ao enredo, como a “arqueologia” em Tucídides ou o enaltecimento dos antigos valores romanos ou o retorno a episódios anteriores a conjuração, em Salústio. (SILVEIRA, 2007, p. 76)

A primeira digressão inicia no fim da citação acima e esclarece o tipo de relação estabelecida entre Roma e Numídia, sua geografia e etnografia:

Na segunda guerra Púnica, em que Aníbal, general dos Cartagineses deu nas forças da Itália o mais terrível dos golpes depois do engrandecimento do nome Romano, Masinissa rei dos Númidas admitido à nossa amizade por P. Cipião, que depois mereceu pelo seu valor o cognome de Africano, se distinguiu por muitos e brilhantes fatos de armas; em prêmio dos quais, vencidos os cartagineses e cativo Sifax, cujo império na Ásia fora um dos mais poderosos e dilatados, o povo Romano lhe deu todas as cidades e terras que tomara. Pelo que Masinissa se conservou sempre conosco em boa e fiel amizade. Mas o fim do seu reinado foi o da sua vida (SALÚSTIO, 1993, p. 67).

Em sequência a esta, surge outra suspensão do fio narrativo para expor o seguinte:

O assunto parece pedir que eu exponha em poucas palavras a situação da África e as gentes com quem tivemos amizade ou guerra. Dos lugares e povos, que em razão do calor, ou da sua aspereza são menos frequentados, assim como dos desertos, mal poderia dar notícia exata: dos mais a darei brevíssima (SALÚSTIO, 1993, p. 76).

A terceira digressão ocorre para descrever a história de Tala, cidade que havia sido tomada por Metelo:

Esta cidade foi, segundo ouvimos, fundada por Sidônios que, emigrando por causa de civis discórdias, ali aportaram. E situada entre as duas Sirtes, a quem mui bem quadra o nome: porque são dois golfos no extremo da África, desiguais em tamanho, iguais em natureza; que mui altos junto à praia, são no resto, segundo o tempo, ora altos, ora vadosos. [...] (SALÚSTIO, 1993, p. 115).

A digressão é um processo de detalhamento, tornando-se a certa altura um distanciador intencional ora explicando, ora justificando, ora confirmando a necessidade da presença romana naquele lugar ou por seu histórico progresso ou pela rebelião e quebra de alianças.

4.4 Inserções de discursos

Ao introduzir na sua monografia os discursos e uma carta, além de aferir credibilidade aos seus relatos, Salústio revela seu talento literário. “O estilo é sóbrio e elegante, caracterizado

pela concisão, pela assimetria e pela presença de elementos arcaicos [...]” (CARDOSO, 2003, p. 137).

A manifestação do discurso dá voz às personagens e revela a preocupação de Micipsa, o caráter frágil de Aderbal, a eloquência de Mêmio ou os ardis de Sila. A construção ao redor destes documentos mostra a inquietude do autor em imprimir veracidade ao texto, e demonstra também sua maturação na elaboração da obra.

4.5 O narrador, o ponto de vista, a perspectiva

O narrar na monografia de Salústio assemelha-se ao ficcional levando em consideração a posição do narrador, que, neste caso, além de narrar, contribui com certas inferências, manifestando pensamentos, desejos e conflitos internos de suas personagens, “realizando uma verdadeira introspecção, tentando explicar psicologicamente os fatos, procurando as causas dos acontecimentos nos defeitos e vícios humanos” (CARDOSO, 2003, p. 135).

Falando em vícios humanos, a perspectiva adotada pode levar o leitor a uma compreensão ácida destes defeitos. Salengue diz que o poder de convicção de Salústio pode arrastar “o leitor descuidado, que vê na energia e disciplina de um Metelo algo mais antipático que a cobiça e rudeza de um Mário. Chega-se a perdoar neste último a falta de sinceridade e a inveja para com seu comandante, cuja vaidade e orgulho saltam aos olhos” (SALENGUE, 1986, p. 87). Salústio ressalta a honestidade e competência de Metelo, no entanto elas são encobertas pelos defeitos.

A instância narrativa produz o efeito provocado acima. Consegue-se isso através do modo que o narrador utiliza para proceder à articulação das perspectivas possíveis para incitar um efeito no leitor. Tal resultado é possível dependendo do tipo de narrador a ser construído na obra.

Um exemplo interessante deste narrador heterodiegético encontra-se no episódio em que Bomilcar convence Jugurta a se entregar aos romanos. É possível observar a gradação e a mudança de ânimo da personagem apenas pela descrição feita pelo sujeito da enunciação:

Jugurta, como depois de o despojarem das armas, homens e dinheiro, o chamassem a Tisídio para receber as últimas ordens, começou outra vez a mudar de ânimo e a temer, por má consciência, o que merecia. Enfim, tendo vacilado muitos dias, umas vezes aborrecido da sua fortuna preferindo tudo à guerra, outras ponderando quão grave queda seria passar do trono à escravidão; perdidos tantos e tão grandes recursos, abraçou de novo a guerra. (SALÚSTIO, 1993, p. 107).

A oscilação (cf. “começou outra vez a mudar de ânimo” e “tendo vacilado muitos dias”) do personagem transmite ao leitor uma indecisão extremamente humana. Jugurta escolheu voltar à guerra – mais uma vez a marca da obstinação que lhe era peculiar, pelo menos peculiar ao Jugurta narrado por Salústio.

5 Elementos filosóficos

5.1 A filosofia de Salústio

A preocupação em explicar os fatos e buscar as causas dos defeitos e vícios humanos faz de Caio Salústio Crispo, segundo Cardoso (2003), um filósofo da ação histórica. Isto não se dá por acaso: esta inspiração vem dos historiadores gregos, dos quais Tucídides é seu maior referencial. O ato reflexivo do autor revela sua posição estoica ante os fatos que podem ser rechaçados ou estimulados. Para ambos (tanto o grego quanto o romano) as consequências são certas, sejam elas negativas ou positivas.

Impossível é neste tópico resistir ao prefácio do escritor romano, cujo teor sintetiza suas convicções ante a filosofia da época:

Sem razão se queixa o homem de que a sua natureza, débil e pouco durável, se rege mais pelo acaso que por força própria. Que ao contrário, refletindo, acharás que nada há maior nem mais prestante; e que mais nos fala indústria, que força ou tempo. Guia e soberana do homem é a mente. [...] Mas, se cativa das paixões, se entregou à inércia e ao deleites do corpo: se nesses perniciosos vícios um pouco se deixou inervar [...] sempre os autores do mal tornam a sua culpa às circunstâncias.

Que, se os homens se dessem às coisas úteis com o mesmo fervor, com que se dão às que lhes são impróprias, de nenhum proveito, e até mui perigosas, regeriam mais a fortuna, que ela a eles [...]. Em suma, os bens do corpo e os da fortuna, como têm princípio, têm fim; quanto nasce, morre, quanto cresce envelhece: a alma incorruptível, eterna, diretora do homem, move, domina tudo, e não é dominada. (SALÚSTIO, 1993, p. 65).

O autor expõe caminhos a seguir indicando as consequências de suas escolhas. Se o corpo domina sem a sabedoria do espírito, será escravo de seus desejos; se, no entanto, o espírito domina, este reina sobre os desejos. No caso de Jugurta, e de outras figuras citadas na obra, houve uma oscilação entre o corrupto e o incorruptível e, mesmo o protagonista possuindo adjetivos favoráveis, atuou de forma dúbia, o que Salengue apresenta como “dupla política de Jugurta”, marcada pela cobiça, facilitada pelo declínio dos romanos, pois, como afirma a autora:

Todo o comportamento do rei númida baseia-se neste pressuposto; Salústio fá-lo pronunciar uma exclamação famosa, quando partindo de Roma se volta para olhar a cidade opulenta e corrupta: “*Urbem uenalem et mature perituram*

si emptorem inuenerit” – Cidade venal e que morrerá em breve, se encontrar comprador – (*Iug. Xxxv*, 10). Como todas as frases memoráveis, esta também não é autêntica, mas resume um pensamento que se retém como se realmente tivesse sido pronunciada. (SALENGUE, 1986, p. 89)

Para compreensão do pensamento filosófico da época, as definições de tais conceitos foram extraídas do *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano (2007). Dentro dos estudos de filosofia clássica, existem três grandes linhas mestras, a saber: Estoicismo, Epicurismo e Ceticismo – sendo que esta última não se aplica ao autor em estudo e, por esta razão, não será abordada no referido trabalho.

5.2 Estoicismo

Foi uma das grandes escolas filosóficas do período helenista, fundada por Zenão de Cício (300 a.C). Afirma a primazia da questão moral sobre as teorias e o conceito de filosofia como vida contemplativa além das ocupações, das preocupações e das emoções da vida comum. É definido como a “doutrina segundo a qual, assim como o animal é guiado infalivelmente pelo instinto, o homem é guiado infalivelmente pela razão, e a razão lhe fornece normas infalíveis de ação que constituem o direito natural” (ABBAGNANO, 2007, p. 375). A razão é o termo-chave do estoicismo e dela Salústio faz apologia, embora nem sempre de maneira franca.

5.3 Epicurismo

Esta escola filosófica foi fundada em Atenas por Epicuro de Samos (306 a.C). O Epicurismo, assim como as demais correntes do período alexandrino, preocupou-se em subordinar a investigação filosófica à exigência de garantir tranquilidade ao espírito do homem. Era guiado pelos seguintes princípios:

- 1) sensacionismo, princípio segundo o qual a sensação é o critério da verdade e do bem (este último identificado, portanto, com o prazer);
- 2) atomismo, com o que Epicuro explicava a formação e a transformação das coisas por meio da união e da separação dos átomos, e o nascimento das sensações.

As duas escolas filosóficas (Estoicismo e Epicurismo) estiveram presentes na vida do povo romano de forma frequente, ora justificando as ações inconsequentes, ora ratificando-as. Isto se deve pela falta de equilíbrio entre uma corrente e outra, e esta falta de estabilidade não se refere aos conceitos e sim ao homem que, por suas escolhas, decide entre a virtude ou o vício como norteador de sua passagem sobre a terra.

Por isso, ao dar ênfase às principais personagens – Jugurta, Metelo e Mário – o autor utiliza-se de seus retratos para exemplificar os vícios que dominavam a política romana: cobiça, arrogância e ambição, respectivamente. A cobiça por dinheiro (poder) era contrária aos ideais de Roma, contaminando-a em todos os níveis.

6 Elementos históricos

6.1 Salústio e a história

Caio Salústio Crispo nasceu em Amiterno, Sabina, e viveu entre 56 a.C e 34 d.C. Galgou todos os postos da carreira pública, chegando a senador. Nesta época, Roma vivia um conturbado período entre guerras civis e tentativas de golpes à República, sendo Salústio expulso do senado por Ápio Cláudio. Pertencente ao grupo político de César, criou inimizades com Cícero e Pompeu. Sua produção literária insere um novo estilo na literatura romana: a historiografia.

6.2 Estrutura e modalidade

A estrutura dos relatos antigos segue certo padrão instituído por prólogo, digressões, retratos e discursos. Inseridos neste padrão, tem-se a descrição dos espaços geográficos, dos povos estrangeiros, fornecendo assim um panorama do modo de vida, nas circunstâncias naturais e históricas.

A modalidade aqui estudada é monográfica por incidir sobre um único fato, a Guerra Jugurtina. O estilo foi teorizado por Cícero; no entanto, Salústio consegue ir mais além, superando seu rival. Para melhor explicar o conceito de monografia, Silveira (2007, p. 82) diz o seguinte:

A proposta da monografia histórica afasta-se de todos esses esquemas que a antecederam pela novidade do tratamento do fato: um episódio é tomado como cerne de um processo de causa e efeito, ao redor do qual são encadeadas logicamente, e não cronologicamente, as ações que compõem um todo orgânico, verossímil e, em Salústio, acima de tudo, original na própria tessitura.

O encadeamento lógico, em posição privilegiada em relação ao encadeamento cronológico, torna patente o predomínio da razão para atingir a perfeição.

6.3 História ou literatura

Por que não chamar esta obra de histórico-literária? A intimidade pela qual estes dois ramos do conhecimento estiveram imbricados apenas reforça o fator atrativo entre um e outro. Por isso, ao contar uma história, o historiador narra

[...] apenas não inventando os dados de sua história. Consultando arquivos, compila uma série de textos, leituras e imagens deixadas pelas gerações passadas, que, no entanto, são reescritos e revistos a partir dos problemas do presente e de novos pressupostos, o que termina transformando tais documentos em monumentos esculpidos pelo próprio historiador, ou seja, o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em História. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 62-63)

Esta capacidade de recriação do dado faz da narrativa histórica salustiana uma obra de arte. Além do mais, “o passado – real ou imaginado – sobrevive de variadas formas; estas incluiriam, para os romanos, mito, lenda, língua, construções, objetos, religião, tradição oral, inscrições, poesia escrita e texto histórico” (MELLOR *apud* SILVEIRA, 2007, p. 66). A junção destes itens formava e transmitia o modo como os romanos concebiam seu passado.

Vale ressaltar que a concepção de história internalizada na atualidade é diferente da que os antigos, tanto gregos como latinos, possuíam. Existe uma preocupação em se estabelecer uma cisão entre o narrar histórico e o narrar literário, mas para o momento basta a palavra de Luiz Costa Lima (2006, p. 88):

[...] A historiografia antiga tem seus parâmetros próprios, sem por isso se confundir com os gêneros literários. A reconstituição pretendida pelo hístor não o impedia de omissões e seleções, que se tornam nocivas para a escrita da história quando são expressão do interesse do próprio historiador. Embora a proximidade com as formas literárias fosse maior na Antiguidade, até mesmo porque a escrita da história não era reconhecida como uma área própria, o decisivo é considerar que ela surge com a premissa de registro da verdade. [...]

O registro da verdade é dimensionado pelo ponto de vista salustiano, cumprindo seu objetivo de servir de ensinamento para as gerações futuras deixando sua marca na história – entendimento que deixa entrever uma preocupação tipicamente estoica.

Realmente, alguns elementos prestigiam o autor latino no que tange a história, ratificando o objetivo de ser da obra. Laura Silveira (2007, p. 81) menciona

[...] por exemplo, o fato de ter sido ele o primeiro a caracterizar o ofício de historiador, imputando-lhe nobreza e dignidade, como uma ocupação (*negotium*) acima de tudo útil a *res publica*, conferindo, pois, um caráter pragmático a história [...].

O surgimento de Salústio marca e inaugura não só a monografia histórica, mas anuncia um novo estilo, denominado assim pelo tratamento do fato: um caso é tido como o centro de uma sucessão de causa e efeito, disposto em volta do qual as ações corroboram em um todo orgânico e verossímil (SILVEIRA, 2007, p. 81).

7 Conclusão

Foi possível constatar a presença dos elementos convergentes na obra “Guerra Jugurtina”, de Salústio (literatura, filosofia e história). Percebeu-se como essas três áreas estão interligadas, pois à época não eram vistas de forma objetivamente distinta, como hoje – numa época pós-Positivismo, depois da formalização das ciências e das diferentes áreas de conhecimento.

Por algumas passagens do trabalho fica claro o encadeamento interdisciplinar das áreas. Ao falar do tempo, abordou-se não somente o aspecto literário, mas o valor histórico e filosófico. Pensar na figura do narrador é pensar em um ponto de vista e quem dominava a arte de contar e a encarava como uma missão deixou seus valores transcenderem a obra – contar os feitos dignos de memória, a elevação da alma e a virtude do homem.

A necessidade de classificação da obra não pode suplantar a necessidade de compreendê-la sob o olhar interdisciplinar. Mais importante que dizer se uma obra é histórica, filosófica ou literária é compreender como ela pode ser tudo isto ao mesmo tempo. As modalidades discursivas mantêm circuitos dialógicos diferenciados com a realidade (LIMA, 2006, p. 385); ao promover esta interdisciplinaridade, a questão não se encerra em um ponto, mas abre caminhos para novos rumos.

Os personagens são reais, mas ao mesmo tempo inventados por Salústio. O que ele nos apresenta é uma das maneiras de observá-los. O caminho que separa os vícios das virtudes, numa atitude plenamente estoica, no mesmo tempo em que expõe as convicções filosóficas do autor, acaba também por mostrar uma historiografia que descreve as coisas e as pessoas como elas são – ou, pelo menos, como o autor acredita que elas sejam. Nesta subjetividade autoral estão a marca da historiografia antiga e o caráter literário da obra.

Enfim, não há como compreender de forma satisfatória a obra sem levar em conta as três áreas do conhecimento mencionadas no título desta pesquisa: literatura, filosofia, história. Os historiógrafos antigos não compreendiam estas três como coisas estanques, mas sim como uma coisa só.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- CANDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LIMA, Alceu Dias. O enunciado latino e a iniciação científica. *Calíope – presença clássica*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 13-22, dez. 2006.
- LIMA, Luiz Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução Mario Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- SALENGUE, Jacyara. Salústio: historiador e artista. *Calíope – presença clássica*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 87-96, jan./jun. 1986.
- SALÚSTIO. *Obras – Guerra Catilinária e Guerra Jugurtina*. Tradução Barreto Feio. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.
- SILVEIRA, Laura Ribeiro da. *A narrativa historiográfica de Salústio: entre memória e ficção, o lugar indecível do testemunho*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2007.

**Artigo recebido em junho de 2015.
Artigo aceito em outubro de 2015.**